

CASA BRANCA

Escritório do Secretário de Imprensa

Para divulgação imediata

17 de dezembro de 2014

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE
SOBRE AS MUDANÇAS NA POLÍTICA PARA CUBA

Sala do Gabinete

12h01 (horário da Costa Leste dos EUA)

PRESIDENTE: Boa tarde. Hoje, os Estados Unidos da América estão mudando suas relações com o povo de Cuba.

Nas mudanças mais significativas na nossa política em mais de 50 anos, poremos fim a uma abordagem ultrapassada que, por décadas, deixou de fazer avançar nossos interesses e, em vez disso, começaremos a normalizar as relações entre nossos dois países. Com essas mudanças, pretendemos criar mais oportunidades para o povo americano e cubano e começar um novo capítulo entre as nações das Américas.

A história entre Estados Unidos e Cuba é complicada. Nasci em 1961 – pouco mais de dois anos depois de Fidel Castro ter tomado o poder em Cuba e apenas alguns meses depois da invasão da Baía dos Porcos, que tentou derrubar seu regime. Ao longo das décadas seguintes, as relações entre nossos países se deram no contexto da Guerra Fria e da firme oposição dos Estados Unidos ao comunismo. Estamos separados por menos de 150 quilômetros. Mas, ano após ano, uma barreira ideológica e econômica solidificou-se entre nossos dois países.

Enquanto isso, a comunidade cubana exilada nos Estados Unidos deu grandes contribuições ao nosso país – na política e nos negócios, na cultura e nos esportes. Como os imigrantes antes, os cubanos ajudaram a recriar os Estados Unidos, ainda que sentissem saudades doídas da terra e da família que deixaram para trás. Tudo isso ligou os Estados Unidos a Cuba em uma relação única, ao mesmo tempo familiar e antagônica.

Os Estados Unidos se orgulham de ter apoiado a democracia e os direitos humanos em Cuba nessas cinco décadas. Fizemos isso principalmente por meio de políticas que visavam isolar a ilha, impedindo as viagens e o comércio mais básicos que os americanos podem desfrutar em qualquer outro lugar. E, embora essa política tenha se baseado na melhor das intenções, nenhuma outra nação se juntou a nós na imposição dessas sanções, que tiveram pouco efeito além de oferecer ao governo cubano argumentos para restrições ao seu povo. Hoje, Cuba ainda é governada pelos Castros e pelo Partido Comunista, que chegou ao poder há meio século.

Nem o povo americano, nem o povo cubano são bem servidos por uma política rígida baseada em eventos que ocorreram antes da maioria de nós ter nascido. Considerem que há mais de 35 anos mantemos relações com a China – país muito maior também governado por um partido comunista. Há quase duas

décadas, restabelecemos as relações com o Vietnã, onde lutamos uma guerra que custou a vida de mais americanos do que qualquer confronto da Guerra Fria.

É por isso que, quando tomei posse, prometi reavaliar a nossa política para Cuba. Como ponto de partida, eliminamos as restrições para os cubano-americanos viajarem e enviarem remessas de dinheiro para suas famílias em Cuba. Essas mudanças, antes polêmicas, agora parecem óbvias. Os cubano-americanos reuniram-se às suas famílias e são os melhores embaixadores possíveis dos nossos valores. E, com essas trocas, uma geração mais jovem de cubano-americanos tem cada vez mais questionado uma abordagem que mantém Cuba isolada de um mundo interconectado.

Embora eu estivesse preparado para tomar medidas adicionais há algum tempo, um grande obstáculo se colocou no nosso caminho – a prisão ilegal durante cinco anos, em Cuba, de Alan Gross, cidadão americano e prestador de serviços da USAID. Ao longo de muitos meses, meu governo manteve discussões com o governo cubano sobre o caso de Alan e outros aspectos da nossa relação. Sua Santidade, o papa Francisco, fez um apelo pessoal a mim e ao presidente de Cuba, Raúl Castro, exortando-nos a resolver o caso de Alan e a tratar do interesse de Cuba na libertação de três agentes cubanos que estavam presos nos Estados Unidos há mais de 15 anos.

Hoje, Alan voltou para casa – finalmente reuniu-se com sua família. Alan foi libertado pelo governo cubano por razões humanitárias. Além disso, em troca de três agentes cubanos, Cuba libertou hoje um dos mais importantes agentes de inteligência que os Estados Unidos já tiveram em Cuba e que ficou preso por quase duas décadas. Esse homem, cujo sacrifício era conhecido apenas por alguns, forneceu aos Estados Unidos as informações que nos permitiram prender a rede de agentes cubanos que incluía os homens transferidos para Cuba hoje, bem como outros espiões nos Estados Unidos. Esse homem está agora a salvo em nosso território.

Depois de ter recuperado esses dois homens que se sacrificaram pelo nosso país, agora estou tomando medidas para colocar os interesses do povo dos dois países no centro da nossa política.

Primeiro, instruí o secretário Kerry para dar início imediato às discussões com Cuba para restabelecer as relações diplomáticas que estavam rompidas desde janeiro de 1961. Daqui para frente, os Estados Unidos restabelecerão uma embaixada em Havana, e autoridades de alto escalão visitarão Cuba.

Onde pudermos avançar interesses comuns, avançaremos – em questões como saúde, migração, contraterrorismo, resposta a desastres e tráfico de drogas. De fato, já vimos os benefícios da cooperação entre nossos países antes. Foi um cubano, Carlos Finlay, que descobriu que os mosquitos transmitem a febre amarela; seu trabalho ajudou Walter Reed a combatê-la. Cuba enviou centenas de profissionais da saúde à África para combater o ebola, e acredito que os profissionais da saúde americanos e cubanos devem trabalhar lado a lado para deter a disseminação dessa doença mortal.

Agora, onde discordamos, vamos tratar dessas diferenças diretamente – como continuaremos a fazer sobre as questões relacionadas com a democracia e os direitos humanos em Cuba. Mas acredito que podemos fazer mais para apoiar o povo cubano e promover os nossos valores por meio de compromissos. Afinal, esses 50 anos mostraram que o isolamento não funcionou. É hora de uma nova abordagem.

Em segundo lugar, instruí o secretário Kerry a rever a designação de Cuba como Estado patrocinador do terrorismo. Essa revisão será guiada pelos fatos e pela lei. O terrorismo mudou nas últimas décadas. Em um momento em que estamos concentrados em ameaças provenientes da Al Qaeda ao Estado Islâmico, uma nação que atende às nossas condições e renuncia ao uso do terrorismo não deve enfrentar essa sanção.

Em terceiro lugar, estamos adotando medidas para aumentar as viagens, o comércio e o fluxo de informações de e para Cuba. Isso tem a ver fundamentalmente com liberdade e abertura e também expressa a minha convicção no poder do compromisso entre as pessoas. Com as mudanças que estou anunciando hoje, será mais fácil para os americanos viajar a Cuba, e os americanos poderão usar cartões americanos de crédito e débito na ilha. Ninguém representa os valores dos Estados Unidos melhor do que o povo americano, e acredito que esse contato, em última instância, fará mais para dar poder ao povo cubano.

Também acredito que mais recursos devem poder chegar ao povo cubano. Portanto, estamos aumentando de maneira significativa o valor em dinheiro que pode ser enviado para Cuba e removendo os limites sobre as remessas que respaldam projetos humanitários, o povo cubano e o emergente setor privado cubano.

Acredito que as empresas americanas não devem ser colocadas em desvantagem e que mais comércio é bom para americanos e cubanos. Portanto, facilitaremos transações autorizadas entre os Estados Unidos e Cuba. Instituições financeiras americanas poderão abrir contas em instituições financeiras cubanas. E será mais fácil para os exportadores americanos vender produtos em Cuba.

Acredito no livre fluxo de informações. Infelizmente, nossas sanções contra Cuba negaram aos cubanos acesso à tecnologia, que tem dado poder às pessoas do mundo todo. Portanto, autorizei a intensificação das conexões de telecomunicações entre os Estados Unidos e Cuba. As empresas poderão vender produtos que permitem aos cubanos se comunicar com os Estados Unidos e outros países.

Essas são as medidas que posso tomar como presidente para mudar essa política. O embargo imposto há décadas agora está codificado na legislação. À medida que essas mudanças forem acontecendo, aguardarei para envolver o Congresso em um debate sério e honesto sobre a suspensão do embargo.

Ontem, falei com Raúl Castro para finalizar a libertação de Alan Gross e a troca de prisioneiros e descrever como vamos prosseguir. Deixei claro a minha firme convicção de que a sociedade cubana é limitada pelas restrições aos seus cidadãos. Além do retorno de Alan Gross e da libertação do nosso agente de inteligência, saudamos a decisão de Cuba de libertar um número substancial de prisioneiros, cujos casos foram tratados diretamente com o governo cubano pela minha equipe. Saudamos a decisão de Cuba de fornecer mais acesso à internet para seus cidadãos e continuar aumentando a participação em instituições internacionais como as Nações Unidas e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, que promovem valores universais.

Mas não tenho nenhuma ilusão quanto às barreiras à liberdade que permanecem para os cubanos comuns. Os Estados Unidos acreditam que nenhum cubano deve ser perseguido, preso ou espancado simplesmente por estar exercendo um direito universal de ter sua voz ouvida e continuarão a apoiar a sociedade civil cubana. Embora Cuba tenha feito reformas para abrir gradualmente sua economia, continuamos a acreditar que os trabalhadores cubanos devem ser

livres para formar sindicatos, assim como seus cidadãos devem ser livres para participar do processo político.

Além disso, dada a história de Cuba, suponho que o país continuará a perseguir políticas externas que de vez em quando estarão acentuadamente em desacordo com os interesses americanos. Não espero que as mudanças que estou anunciando hoje tragam uma transformação da sociedade cubana da noite para o dia. Mas estou convencido de que, com uma política de compromisso, podemos de maneira mais efetiva defender os nossos valores e ajudar o povo cubano a se ajudar à medida que entram no século 21.

Para aqueles que se opõem às medidas que estou anunciando hoje, quero dizer que respeito a sua paixão e compartilho o seu compromisso com a liberdade e a democracia. A questão é como podemos manter esse compromisso. Não acredito que possamos continuar fazendo a mesma coisa por mais de cinco décadas e esperar um resultado diferente. Além disso, não serve aos interesses dos Estados Unidos, nem do povo cubano, tentar levar Cuba ao colapso. Mesmo se isso funcionasse – e não funcionou durante 50 anos – sabemos pela experiência adquirida a duras penas que os países têm mais probabilidade de desfrutar uma transformação duradoura se as pessoas não estiverem sujeitas ao caos. Estamos pedindo a Cuba para liberar o potencial de 11 milhões de cubanos pondo fim a restrições desnecessárias às suas atividades políticas, sociais e econômicas. Nesse espírito, não devemos permitir que sanções dos EUA aumentem o ônus aos cidadãos cubanos que procuramos ajudar.

Para o povo cubano, os Estados Unidos estendem uma mão amiga. Alguns de vocês se voltaram para nós como fonte de esperança, e vamos continuar a fazer brilhar a luz da liberdade. Outros nos viram como um antigo colonizador com a intenção de controlar o futuro de vocês. José Martí certa vez disse: "Liberdade é o direito de todo homem de ser honesto". Hoje, estou sendo honesto com vocês. Não podemos nunca apagar a história entre nós, mas acreditamos que vocês devem poder viver com dignidade e autodeterminação. Os cubanos têm um ditado sobre a vida cotidiana: "*No es fácil*". Hoje, os Estados Unidos querem ser parceiros para tornar a vida dos cubanos comuns um pouco mais fácil, mais livre, mais próspera.

Àqueles que apoiaram essas medidas, agradeço por serem parceiros nos nossos esforços. Em particular, quero agradecer à Sua Santidade, o papa Francisco, cujo exemplo moral nos mostra a importância de buscar o mundo como ele deve ser, em vez de simplesmente contentar-se com o mundo como ele é; ao governo do Canadá, que sediou nossas discussões com o governo cubano; e a um grupo bipartidário de congressistas que trabalhou incansavelmente para a libertação de Alan Gross e uma nova abordagem para fazer avançar nossos interesses e valores em Cuba.

Por fim, nossa mudança na política para Cuba vem em um momento de liderança renovada nas Américas. Em abril, estamos preparados para ter Cuba juntando-se às outras nações do continente na Cúpula das Américas. Mas vamos insistir para que a sociedade civil se junte a nós, para que os cidadãos, e não apenas os líderes, moldem nosso futuro. E peço a todos os meus colegas governantes para dar sentido ao compromisso com a democracia e os direitos humanos no âmago da Carta Interamericana. Vamos deixar para trás o legado tanto do colonialismo quanto do comunismo, da tirania dos cartéis da droga, dos ditadores e das eleições de fachada. Um futuro de mais paz, segurança e desenvolvimento democrático é possível se trabalharmos juntos – não para manter o poder, não para assegurar interesses velados, mas, ao contrário, para avançar os sonhos dos nossos cidadãos.

Meus concidadãos americanos, a cidade de Miami está a apenas cerca de 300 e poucos quilômetros de Havana. Incontáveis milhares de cubanos vieram a Miami – de avião e balsas improvisadas; alguns sem nada a não ser a roupa do corpo e a esperança no coração. Hoje, Miami é com frequência referida como a capital da América Latina. Mas também é uma cidade profundamente americana – um lugar que nos lembra que os ideais são mais importantes do que a cor da nossa pele ou as circunstâncias do nosso nascimento; uma demonstração do que o povo cubano pode alcançar e da abertura dos Estados Unidos à nossa família ao Sul. Todos somos americanos [dito em espanhol].

A mudança é difícil – na nossa vida e na vida das nações. E a mudança é ainda mais difícil quando carregamos o peso da História nos nossos ombros. Mas hoje estamos fazendo essas mudanças porque é a coisa certa a ser feita. Hoje, os Estados Unidos optam por soltar as amarras do passado para alcançar um futuro melhor – para o povo cubano, para o povo americano, para todo o nosso continente e para o mundo.

Obrigado. Deus os abençoe e abençoe os Estados Unidos da América.

FIM 12h16 (horário da Costa Leste dos EUA)